



JORNALISMO, ESTIGMAS SOCIAIS E PERIFERIA: A NARRATIVA DE CONFLITOS NA MÍDIA IMPRESSA

STRASSBURGER, Tabita¹; SILVEIRA, Ada Cristina Machado².

¹Acadêmica do Curso de Comunicação Social – Habilitação: Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Maria, bolsista do Programa FIPE/Sênior/UFSM/2008 (tabita.strassburger@gmail.com).

² Orientadora, Doutora em Jornalismo, pela Universidade Autônoma de Barcelona, Professora do Departamento de Ciências da Comunicação, Programas de Pós-graduação em Comunicação e em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria (ada.machado@pq.cnpq.br).

Universidade Federal de Santa Maria

1. INTRODUÇÃO

A globalização tem diminuído incessantemente as distâncias e, de sobremodo, reconfigurado as fronteiras, dessa forma, as relações entre países vizinhos se tornam cada vez mais intensas. Com um quadro social como esse, torna-se imperioso estudar como ocorrem esses processos relacionais e de que maneira a mídia os retrata. Nesse sentido, o presente trabalho busca refletir sobre como a mídia apresenta as informações referentes à questão das fronteiras internacionais do Brasil tomadas como periferias nacionais.

A partir da hipótese de que essas regiões são retratadas como experiências de um imaginário de guerra, ausência do estado e estigmas populacionais, questiona-se as implicações de tais abordagens. Procura-se refletir sobre as possíveis consequências que a narrativa jornalística de conflitos e tensões pode causar na sociedade fronteiriça e a impressão que fica nos leitores de localidades não-fronteiriças com relação a essas regiões e às pessoas que nelas vivem.

Sendo o Brasil um país de fronteiras tão significativas, torna-se imprescindível estudar o tipo de cobertura realizado, bem como os impactos que causam nas populações dessas áreas. Através da revisão bibliográfica de conceitos como estigmas e estereótipos, inicialmente e, depois, periferia e fronteiras, se está realizando uma análise da mídia impressa, aqui representada nas revistas *Época* e *Isto É*, procurando-se aproximar e observar uma realidade que se pode dizer afastada e, talvez até, distorcida.

Ao considerar que a mídia orienta os debates presentes na esfera pública, a pesquisa busca bases que confirmem ou refutem a hipótese da cobertura pelo viés do conflito. Dessa forma, investigaram-se os critérios de seleção das notícias jornalísticas nas revistas e as propriedades discursivas das narrativas selecionadas.

Acredita-se que assim será possível compreender, em parte, os porquês desse tipo de abordagem por parte dos jornalistas e da mídia que eles representam.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Os textos que compõem o *corpus* de análise foram publicados nas revistas semanais *Época* e *Isto É*, durante o mês de abril de 2008. O número total de edições analisadas foi oito (quatro de cada). A escolha das revistas se deu pelo alcance e notoriedade que possuem em termos de circulação nacional.

Optou-se pelas revistas citadas, também, por serem de editoras distintas: *Época* (no mercado desde 1998) é da Editora Globo, enquanto *Isto É* (atuando desde 1976), faz parte da Editora Três. Apesar de algumas semelhanças, as duas possuem projeto editorial distinto, o que foi outra questão importante para a pesquisa, devido à possível abordagem diferencial.

Após leitura e avaliação, os textos foram separados de acordo com dois assuntos principais observados. Dentro da temática das fronteiras, criou-se a divisão em: “*diplomacia entre os países*” e “*fronteiras territoriais*”. Nesse ponto, foi verificada outra vantagem na escolha de duas publicações periódicas distintas, a possibilidade de uma análise comparativa, traçando paralelos ou disparidades, com relação à abordagem realizada por cada uma.

Com base em noções teóricas fundamentais sobre fronteiras, jornalismo, narrativas jornalísticas, estigmas, estereótipos, cultura fronteiriça e integração, buscaram-se elementos e conceitos para elucidar uma questão complexa, que a mídia apresenta, em geral, com uma angulação monotemática. Esses fundamentos foram construídos por meio da leitura de livros da área de comunicação e artigos específicos sobre o tema fronteiras, assim como, a partir de debates propostos no Grupo de Pesquisa “Comunicação, Identidades e Fronteiras”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse momento, torna-se imprescindível atentar para as diferenças conceituais entre estereótipos e estigmas. O primeiro, conforme Lysardo-Dias (2007, p. 26) “funciona como um discurso social amplamente difundido que é renovado, atualizado e solidificado a cada situação de uso”. A mídia pode influenciar nesse processo de estereotipia, através da manutenção e divulgação desses estereótipos ou da transgressão dos padrões, através de rupturas com a norma estabelecida.

Já o segundo conceito, como afirma Soares (2006, p. 42) “trata-se de uma marca que irrompe, de algo que aparece quando se encontra desajustado – e aí se destaca. O estigma só se revela quando se coloca no meio de *diferentes*, quando incomoda por estar num lugar que não lhe foi destinado” (grifo da autora). Isso quer dizer que o estigma se refere àquilo que perturba por aparecer deslocado, por estar presente onde não deveria estar.

Cientes dessas diferenças, observou-se que a abordagem da mídia analisada é feita pelo viés do comum, através da narrativa do estigma. As informações são apresentadas enfatizando uma determinada marca, no caso a fronteira como região de conflito. Tal afirmação é perceptível em grande parte das notícias, seja nos títulos, no discurso verbal e nas imagens iconográficas.

Durante a análise das oito revistas foram encontradas dez notícias referentes à temática estudada, três na *Isto É* e sete na *Época*. Dessas, apenas quatro,

presentes na revista *Época*, não possuíam nenhum tipo de imagem iconográfica ilustrativa (fotografias, infografias, mapas). Outra questão observada foi com relação às capas. Nenhuma das matérias serviu como manchete ou chamada de capa, provavelmente, seguindo os padrões editoriais e os interesses dos veículos analisados ou das empresas das quais fazem parte.

De acordo com a divisão por editoriais: a revista *Isto É* privilegiou a editoria “*Brasil*”, na qual apresentou duas das três informações, a remanescente foi para “*Reportagem*”. Já a *Época*, preferiu a editoria “*O Filtro*”, das sete matérias, cinco estavam nesse espaço, as outras duas pertenciam a “*Nossa Economia*” e “*Fala, Brasil*”.

Com a categorização, verificou-se que a maioria das informações se refere à questão das “*fronteiras territoriais*”, e a produção de sentido aponta para problemas relativos à ausência do Estado naquela região. Foram encontradas seis notícias, sendo que palavras como matança e guerrilha estavam presentes em dois títulos da *Isto É* (Edição 2004, do dia 02/04/2008, e Edição 2007, de 23/04/2008, respectivamente). Em segundo plano, aparecem informações referentes a queimadas, desmatamentos, tráfico ilegal de madeira e, narcotráfico.

Essas matérias, ligadas diretamente ao limite dos territórios, enfocam principalmente a questão indígena e das guerrilhas. Palavras recorrentes nessas abordagens são: demarcação de terras, reservas, perda de soberania, guerra, conflito, inferno, matança, grupo bandoleiro, criminosos, guerrilheiros, estado de barbárie, ilegalidades, revolucionários, sem registros oficiais, grupo rebelde, luta armada, violência revolucionária, massacre.

Já a “*diplomacia entre os países*” aparece em textos que retratam rivalidades, competições financeiras, desentendimentos políticos, a disputa pela hegemonia. Assim, apareceram quatro notícias, abordando assuntos como: a integração latino-americana, através da adoção de uma moeda única e regional; a eleição no Paraguai e o tratado referente à Hidrelétrica de Itaipu; a liderança regional do Brasil.

Seguindo essa linha, a revista *Época* (14/04/2008 – N° 517) publicou reportagem de três páginas, com cinco fotografias, sendo que em três delas a imagem dos candidatos à presidência paraguaia, acompanhando o perfil correspondente e um quadro explicativo, com o título “Os nossos interesses: A energia de Itaipu, a soja e o contrabando tornam a eleição no Paraguai importante para o Brasil”. Não é necessário analisar com profundidade para perceber que o tom desse discurso suscita a polêmica e o debate em torno da diplomacia entre os dois países.

Nesse ponto é notória outra tendência das coberturas sobre a fronteira. Mesmo quando o conflito não é a principal informação, o texto fomenta indiretamente essa temática. As abordagens não se diferem muito, limitam-se a debater conflito, tensão, desordem, abandono. Passa-se a imagem de que nessas localidades não há modo de vida pacífico e organizado.

Sabe-se que em terras de fronteiras há convergências culturais importantes, devido à heterogeneidade dos povos ali existentes. No entanto, nenhuma matéria apresentou a cultura dos povos da região fronteira, sua educação, a saúde, o modo como vivem.

4. CONCLUSÕES

Através da pesquisa, pôde-se confirmar a hipótese de que as narrativas são construídas tomando o conflito como viés das abordagens. Nas duas revistas analisadas nota-se um jornalismo com pouca iniciativa para causar um debate diferenciado sobre as fronteiras nacionais.

Tudo indica que os profissionais responsáveis pela representação da realidade estão focados apenas na cobertura de acontecimentos reconhecidos por uma ótica de ordem jurídico-legal. Um processo que Silveira (2007, p.44) chama de “deformação da realidade”. Uma possível resposta à escolha da abordagem pelo viés do estigma, é a explicação de Meyer para a tendência simplista de cobrir fatos, decorrente de guias práticos, que servem de fórmulas para muitos jornalistas:

Se alguma coisa é realmente nova e diferente, poderá não se encaixar no modelo existente, e podemos não vê-lo – ou não acreditar nisso mesmo se o vemos. Ou podemos distorcê-lo tanto para fazê-lo encaixar-se no modelo existente que poderá apenas afastar-nos, e não aproximar-nos, da verdade. (MEYER *apud* SILVEIRA, 2007, p. 46)

Em geral, são matérias factuais, sem contextualização, que abordam superficialmente o tema, tendo em vista a importância que ele apresenta. As matérias analisadas simplificam a interpretação de fenômenos complexos e heterogêneos, reforçando, dessa forma, a imagem estigmatizada da região fronteira.

Tal abordagem gera um quadro de marginalização a partir do momento que mostra “o outro” como estando em um lugar que não deveria estar. Cria um distanciamento entre o “nós” do centro e o “eles” da periferia. Além de propiciar uma visão maniqueísta em que o bom, o certo, o que prospera é o núcleo, e a fronteira é o mal, o errado, aquilo que não pode oferecer nada, por estar mergulhado em problemas.

Resta, por fim, o questionamento da ação da mídia e suas razões para adotar um discurso pessimista e genérico sobre o tema. Nesse ponto, há mais hipóteses a serem verificadas. Mas, da forma como procede, a mídia tem contribuído para a consolidação e a difusão de conceitos estereotipados e negativos das fronteiras internacionais.

Agradecimentos: CNPq, Programa FIPE Sênior- UFSM/2008.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 1997.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Trad. Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LYSARDO-DIAS, D. . A construção e desconstrução de estereótipos pela publicidade brasileira. **Stockholm Reviv of Latin American Studies**, v. 2, p. 25-35, 2007.
- SILVEIRA, Ada Cristina Machado. Comunicação e Estado. Nação e fronteiras de desencontro. In: XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. Anais do XIX Congresso Intercom. Brasília: UNB-Intercom, 2006.

SILVEIRA, Mauro César. As marcas do preconceito no jornalismo brasileiro e a história do *Paraguay Ilustrado*. In: **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v.30, n.2, p. 41-66, jul./dez. 2007.

SOARES, R. L. . Imagens estigmatizadas: margens da História Real, **Alceu. Revista de Comunicação, Cultura e Política**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 39-47, 2006.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.